

Superávit brasileiro será revisto para baixo em razão da crise

Especialistas calculam queda de cerca de US\$ 3 bilhões na estimativa de resultado da balança para este ano



Preço da soja, um dos itens mais exportados pelo Brasil, deve cair nos próximos meses

Ana Paula Machado
amachado@brasilconomico.com.br

A turbulência pela qual passa a economia global está incentivando uma revisão para baixo – em cerca de US\$ 3 bilhões – das expectativas de superávit para a balança comercial brasileira deste ano, puxada pela tendência de queda do preço das commodities no mercado internacional. Os sinais de queda poderão ser confirmados hoje, quando o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio divulga os dados semanais da balança comercial. As contas ainda não estão fechadas, mas especialistas estimam que, se em junho a previsão era de o saldo do ano ficar em US\$ 25 bilhões, agora a estimativa é que o valor deve fechar em US\$ 22 bilhões.

Para 2012, a expectativa é que a balança alcance superávit de US\$ 10,85 bilhões, segundo a corretora de valores Icap. No ano passado, o saldo comercial da corrente de comércio brasileira foi de US\$ 20 bilhões.

A revisão da estimativa é reflexo do fato de as exportações brasileiras serem pautadas em produtos primários, como minério e soja, que serão muito atingidos

Até junho, previsão era de que o resultado comercial brasileiro de 2011 fechasse em US\$ 25 bilhões; agora estimativa é de US\$ 22 bilhões. Em 2012, o saldo deve ficar em US\$ 10,85 bilhões

pela tendência de baixa nos preços das commodities no mercado global, em razão de menor demanda em grandes mercados compradores, como Europa e EUA, explica o professor da Fundação Getúlio Vargas, Mauro Rochlin. “Com essa conjuntura, é bem provável que a estimativa de superávit de US\$ 25 bilhões não se sustente”, diz. “O crescimento das exportações nos últimos anos foi proporcionado não pela alta no volume embarcado, mas pela elevação dos preços.”

O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepa) da Esalq/USP estima que os preços dos produtos do agronegócio brasileiro não crescerão tanto no segundo semestre como ocorreu na primeira metade do ano. De janeiro a junho, as exportações do agronegócio brasileiro apresentaram aumento de cerca de 25%. “Isso não vai se confirmar no resto do ano. Os preços vão subir, mas não no mesmo ritmo. Esse cenário decorre da situação em mercados importantes como a Europa e os Estados Unidos”, afirma a pesquisadora Andrea Adami.

A demanda crescente da China e de outros países emergentes, somada à cotação elevada

das commodities nas bolsas internacionais, sustentaram o saldo positivo da balança comercial brasileira em 2010. No primeiro semestre de 2011, o valor exportado pelo agronegócio cresceu mais de 23% em relação ao mesmo período de 2010. Cálculos do Cepa indicam que os preços externos (cotados em dólares) têm sido os grandes responsáveis pelo bom desempenho das exportações agrícolas.

Esse mesmo comportamento pode ser observado em relação ao minério. Porém, há previsão que, no curto prazo, o volume exportado não deva sofrer retração, pois a demanda dos países da Ásia, principalmente da China, ainda irá sustentar os embarques brasileiros.

Mesmo assim, segundo o consultor do Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram) Luciano Borges, os preços dos minérios também podem ser impactados pela conjuntura econômica mundial. “É bem possível que ocorra um movimento nos preços no final do ano. O aumento não será tão grande como o observado nos últimos tempos”, diz Borges. A tonelada do minério de ferro variou entre US\$ 120 e US\$ 160 no primeiro semestre deste ano. ■

DINHEIRO MAIS CARO

Instabilidade pode afetar investimentos externos no país

Além do impacto nas exportações brasileiras, o nervosismo dos mercados pode também postergar investimentos de empresas no Brasil. Com a instabilidade financeira no mundo, os bancos tendem a conter mais os créditos. “Investimentos que já foram anunciados não serão afetados, mas futuros aportes nas subsidiárias brasileiras poderão ser reavaliados”, diz o diretor da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (Sobeet), Luiz Afonso Lima.